

Alves, Elder P. M. (2020). Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes da UFAL. Maceió: Edufal.

Brena Sirelle Lira de Paula

Mestranda em História/ Universidade Federal de Alagoas

<http://orcid.org/0000-0002-7849-7681>

brenasirelle@gmail.com

O livro *Perfil socioeconômico e cultura dos estudantes da UFAL* (2020) apresenta uma análise dos dados socioeconômicos e culturais dos discentes da Universidade Federal de Alagoas.

A importância dessa obra está no conteúdo e no banco de dados que ela possui. Tal material pode favorecer a criação de novos conhecimentos sobre a UFAL, assim como a prática de políticas públicas, a qual se torna impossível sem os dados estatísticos necessários.

Para combater a pobreza e a desigualdade, necessita-se criar estratégias que possibilitem melhorias e o bem-estar da sociedade. Entre os caminhos a serem explorados, as políticas públicas se apresentam como uma solução. Diante disso, entende-se que as “políticas públicas transformaram-se em grandes instrumentos para o reconhecimento de direitos e a superação de déficits, permitindo, assim, a redução da pobreza e da desigualdade” (Alves, 2020, p. 13). Sendo assim, tais ações se convertem em agentes fundamentais quando o assunto é o progresso da área social.

As políticas públicas do estado de Alagoas são compostas, sobretudo, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio dos postos de saúde, hospitais e, especialmente, o Programa de Saúde da Família (PSF), o qual possui 5800 agentes efetivos que cobrem cerca de 2,3 milhões de alagoanos de baixa renda. Além do SUS, existem as redes de ensino estadual e municipal, com aproximadamente um milhão de alunos matriculados. Também podem ser citadas as universidades públicas, que são uma alternativa para a superação

da pobreza e da desigualdade. Nesse sentido, 106 mil discentes estão matriculados nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas do estado. Desse montante, 39 mil são de universidades públicas, como a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), a Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (UNICISAL) e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Em 2018, a UFAL tinha 28.994 estudantes (p. 27). Desse número, 71,1%, (20.596) frequentavam o campus A. C. Simões, em Maceió; 18,8% (5.455) estavam matriculados no campus Arapiraca; e 10,1% (2.943) eram do campus do Sertão (p. 28). A UFAL é umas das instituições brasileiras que mais vêm crescendo a cada ano. Em 2009, por exemplo, havia 17.278 estudantes matriculados. Percebe-se que, em um “intervalo de uma série histórica de 17 anos, o crescimento percentual foi de 160%. Nesse mesmo período, o crescimento médio anual foi de 9,4%” (Alves, 2020, p. 30).

Esse aumento do número de estudantes matriculados na UFAL veio seguido do acréscimo da população de classe baixa, principalmente em decorrência do funcionamento de algumas políticas públicas, como o sistema de cotas, o qual favoreceu o ingresso dessa classe tanto na UFAL como em outros IFES. Compreende-se, dessa forma, que a partir de 2018 ocorreu o aumento considerável do número de pobres e de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica, estudantes pretos, pardos e homossexuais em relação ao percentual de alunos egressos de escolas públicas, de estudantes com alguma deficiência, dos que trabalham e dos que são pais e mães (Alves, 2020, p. 38).

Nos próximos capítulos, os autores discorrerem sobre alguns pontos cruciais para o crescimento da população estudantil, começando com a escolaridade dos pais. Os estudos sociológicos demonstram o quanto a escolaridade da família exerce influência na trajetória estudantil e na vida acadêmica. Assim, “os filhos dos pais menos escolarizados também se tornam menos escolarizados” (Idem, p. 40), ou seja, quanto maior o nível de escolaridade dos pais, maior é a chance de os filhos chegarem ao ensino superior. De acordo com o IBGE (2017 *apud* Alves, 2020, p. 43), entre os pais com o ensino fundamental incompleto, apenas 14,9% dos filhos alcançam o ensino superior. Quanto aos pais com fundamental completo e médio incompleto, esse percentual sobe para 26,2%. Já entre os pais com médio completo e superior incompleto, o percentual de filhos com ensino superior sobe para 42%. Como se vê, há uma escala evidente, a qual revela que, quanto maior a escolaridade de origem (pais), maior a escolaridade de destino (filho).

No caso da UFAL, as porcentagens também reforçam tais constatações. Nesse capítulo é demonstrada a diferença entre a escolaridade da mãe/pessoa considerada mãe, com a escolaridade do pai/pessoa considerada pai. Essa discrepância é percebida mais

nitidamente quando o nível de escolaridade aumenta, principalmente do ensino superior completo até a especialização, o mestrado e o doutorado. Desse modo, para o ensino superior completo, a mãe possui uma porcentagem de 16,2%, enquanto o pai detém 11,6%. Para aqueles que possuem pós-graduação, essa diferença é preocupante, pois as mães dispõem de uma porcentagem de 0,8%, enquanto a dos pais é de 4,3%, ou seja, o número de pais que têm pós-graduação é cinco vezes maior que o de mães.

No capítulo 4, intitulado *Renda Familiar*, os autores discorrem sobre a renda dos estudantes da UFAL. Tal assunto é fundamental em diversos aspectos da trajetória socioeconômica e cultural dos indivíduos. Há um conjunto de fatores e dimensões que determina a pobreza socioeconômica, como a escolaridade, ocupação dos pais, raça, gênero e região de nascimento. Entende-se que a questão financeira – além da psicológica – é essencial para se ter disciplina e concentração nos estudos (Alves, 2020, p. 49-50). Em 2018, na UFAL, dos 28.994 alunos, “23.195 pertenciam a famílias cuja renda *per capita* era de até um salário mínimo e meio, R\$1.567,50, em valores de 2020” (Idem, p. 49). Esse dado revela que a maioria dos alunos matriculados pertence a famílias pobres. Um salário mínimo e meio é muito pouco se for levada em conta a renda *per capita* familiar, ou seja, a soma do rendimento mensal da família dividida pelo número de membros. Em outras palavras, se uma família possuir quatro membros (pai, mãe, filho e filha, por exemplo), a renda *per capita* é de 391,90 por indivíduo, de maneira que esse valor diminui à medida que o número de membros familiares for maior.

Especialmente no Norte e no Nordeste, ao começar a frequentar uma universidade, um dos desafios dos estudantes oriundos de famílias pobres é a permanência (Alves, 2020, p. 54). A falta de apoio financeiro dificulta o foco nos estudos, de modo que muitas vezes é necessário que eles consigam uma renda extra e comecem a trabalhar. Além disso, há os estudantes que moram no interior, ou, até mesmo, fora do estado de Alagoas, o que consiste em outro desafio.

As ciências sociais nos ensinam que os seres humanos não dependem de suas heranças biológicas, de origem física ou racial, para que exista um sentido de superioridade entre as espécies, mas, sim, por meio de elementos socioculturais e socioeconômicos presentes na formação histórica de cada sociedade. Já em sociedades como a brasileira e a norte-americana, a discriminação está presente no cotidiano, haja vista a classificação dos indivíduos pela cor da pele e os traços fenotípicos. Isto significa que, diariamente, pessoas pretas e pardas sofrem preconceito étnico-racial, de maneira que tal fator dificulta o rendimento escolar e a mobilidade socioeconômica (Alves, 2020, p. 72-73).

No âmbito da UFAL, em 2018, 35% dos discentes ingressaram por meio de cotas sociais, educacionais e étnico-raciais. Entre essa percentagem, 20,7% ingressaram por meio de cotas étnico-raciais, destinada a pretos, pardos e indígenas. Um número significativo, principalmente se comparado com anos anteriores (Alves, 2020, p. 82-83).

A variável da moradia é abordada no capítulo 6 do livro. Ela faz parte do indicador social, por conta dos seguintes aspectos: local de residência; tipo de moradia; meio de transporte; tempo de deslocamento; e distância do trajeto até a universidade. Na UFAL, 70,1% dos estudantes moram no mesmo município do campus em que estudam, enquanto 29,9% residem fora. Dessa forma, existe a necessidade de migração durante os dias de aula. Tal prática resulta em déficit na vida acadêmica e estudantil, pois haverá mais cansaço e riscos em geral (Alves, 2020, p.89-90).

Os alunos com deficiência, por sua vez, estão em vulnerabilidade devido à dificuldade de fazer parte do espaço acadêmico. Tal camada da população é abordada no capítulo 7 do livro, intitulado *Deficiência*. O indicativo desses estudantes é extremamente útil para o mapeamento e concepção de novas políticas de acesso, mobilidade, bem-estar acadêmico e qualidade de vida. Na UFAL, um total de 5% afirmou possuir algum tipo de deficiência. Entre os campi, em 2018, o do Sertão apresentou um percentual de 6% de alunos que se declararam deficientes (Alves, 2020, p. 101-102). Entre os tipos de deficiência, sobressaem-se: baixa visão ou visão subnormal; cegueira; auditiva; surdez; surdocegueira; física; intelectual; deficiência múltipla; transtorno global do desenvolvimento; e altas habilidades/superdotação.

Já as questões sexuais, de gênero e orientação, são apresentadas no capítulo 8. Os dados e indicativos nacionais demonstram a relevância dessas questões na mobilidade educacional, no desempenho acadêmico e no bem-estar social. Em pesquisa feita pelo IBGE no ano de 2019, descobriram-se algumas razões pelas quais os jovens de 18 a 29 anos abandonavam os estudos. Entre os dados revelados, algo chama a atenção: 39,5% das mulheres afirmaram que não “concluíram o ensino médio por ter que cuidar dos afazeres domésticos, de crianças, adolescentes, idosos ou pessoas com necessidades especiais” (Alves, 2020, p. 105). Enquanto isso, apenas 0,9% dos homens abandonavam o ensino médio pela mesma razão. A população da UFAL é composta por maioria feminina. Em 2018, 54,1% eram mulheres, e 45,6%, homens. Desse número, 83,7% dos estudantes se declaravam heterossexuais; 5,9% homossexuais; 5,9% bissexuais; 2,5% preferiram não se classificar; 2,8% preferiram não responder; 0,5% pansexual; e 0,2 assexual.

A faixa etária também é tema de um breve capítulo do livro. Segundo Elder Alves, quanto mais jovens são os estudantes, maiores são as chances de conclusão do curso

(2020, p. 116). No caso da UFAL, cerca de 59,1% dos estudantes têm faixa etária entre 18 e 24, e 40,5% têm 25 anos ou mais.

O percentual de alunos solteiros entre a relação do estado civil é de 79,3%. Os casados, ou os que vivem em uma relação estável, são cerca 18,8%. Já os separados (1,7%) e os viúvos (0,1%) são uma minoria significativa. Quanto aos alunos que já são pais ou mães, o percentual é 16,2% maior que o restante das IFES: corresponde a 11,4% (ibidem, p. 119-120).

A variável sobre trabalho e renda é tema do capítulo 11. Em 2018, nas IFES, 29,9% dos estudantes trabalhavam. No caso da UFAL, porém, os estudantes trabalhadores correspondiam a um percentual de 36%. Nesse sentido, Elder Alves afirma que “o trabalho facilita o desempenho acadêmico, assim como pode sobrecarregar e comprometer o seu desempenho” (2020, p. 124).

A trajetória escolar pode ser compreendida como um fator que marca a vida acadêmica dos discentes. Em 2018, 80,7% entraram na UFAL por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Sistema de Seleção Unificada (MEC/Sisu). A grande maioria desses alunos vêm de escolas públicas, correspondendo a 54,3% dos casos (Alves, 2020, p. 139).

Um dado a ser destacado é que 81,1% dos estudantes da UFAL ingressaram na universidade por meio da primeira opção; já os da segunda opção correspondem a um percentual de 18,9%. Após o ingresso, cerca de 61% não trocariam de curso, enquanto 22,5% afirmam que mudariam, e 16,5% não sabiam responder. No âmbito da vida acadêmica, os indicativos da UFAL mostram que 38,2% dos estudantes dedicam menos de cinco horas diárias aos estudos; 34,3% tem uma dedicação entre cinco e dez horas; e 11,2% dedicam entre dez e 15 horas (Alves, 2020, p. 139-142).

O capítulo 14, intitulado *Saúde e Qualidade de Vida*, apresenta as dificuldades de saúde física e mental, cuidados médicos, odontológicos, acesso a serviços psicológicos, bem-estar, alimentação saudável e apropriada etc. Nota-se que 0,6% dos alunos fazem apenas uma refeição por dia; 6%, apenas duas refeições; e os demais fazem de três a seis refeições diárias. Além disso, 44,7% dos estudantes não praticam nenhum tipo de atividade física. Destaca-se, ainda, que 55,5% dos alunos só procuram o dentista quando apresentam algum problema, e 12,9% nunca vão (Alves, 2020).

O consumo de conteúdo cultural, como filmes, séries, livros, músicas, etc. também facilita a formação do conhecimento científico, potencializa a imaginação intelectual e fomenta a criatividade de modo geral, contribuindo, ademais, para o desenvolvimento acadêmico (Alves, 2020, p. 167). São mídias que têm potencial promissor, principalmente

em se tratando de obras literárias, cujo consumo é de 59,8% entre os estudantes, e filmes, com uma taxa de 46,1% (idem, p. 174). Outros parâmetros – como experiência em computação e domínio de línguas estrangeiras – são fundamentais para formar um estudante promissor. Nesse sentido, em 2018, descobriu-se que na UFAL somente 74,3% dos estudantes tiveram muita ou alguma experiência com computadores (Alves, 2020, p. 170). No quesito idiomas, porém, foi descoberto que 19,7% dos discentes possuíam domínio do inglês, e 39,7% não possuíam nenhum domínio. Esse dado é alarmante para a universidade, principalmente se levada em conta a carreira acadêmica dos discentes. Com relação ao espanhol, essa preocupação é ainda maior. Apenas 9% dos estudantes tinham domínio considerável, e 46% não tinham domínio algum. Tais números sinalizam para prejuízos futuros, como, por exemplo, nas provas de proficiência idiomática dos cursos de pós-graduação (Alves, 2020, p. 171).

Semelhantes dados são apenas uma pequena parte do que o leitor achará no livro *Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL* (2020). Nessa obra, podem ser encontradas informações fundamentais, que certamente serão utilizadas em pesquisas sobre os estudantes da UFAL ou, até mesmo, para facilitar o desenvolvimento de políticas públicas e programas estudantis. Tais projetos futuros tornarão a vida acadêmica mais agradável e viável para qualquer perfil de estudante, o qual merece desfrutar de dignidade acadêmica. Para isso, no entanto, é necessário que os dirigentes das universidades tenham conhecimento de quem são seus alunos e tomem atitudes que visem a tornar a graduação um período cada vez mais prazeroso e de avanços acadêmicos para todos.

Referências

Alves, Elder P. M. (2020). *Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes da UFAL*. Maceió: Edufal.

Recebido em 23 de fevereiro de 2023.

Aceito em 12 de setembro de 2023.